

**XXVIII - COLETÂNEA
DE PRECES
ESPÍRITAS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Preâmbulo

1. Os Espíritos não dito sempre: "A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração."

Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as idéias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas idéias, pois alguns há que não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos.

A coletânea de preces, que este capítulo encerra, representa uma escolha feita entre muitas que os Espíritos ditaram em várias circunstâncias. Eles, sem dúvida, podem ter ditado outras e em termos diversos, apropriadas a certas idéias ou a casos especiais; mas, pouco importa a forma, se o pensamento é essencialmente o mesmo. O objetivo da prece consiste em elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele crêem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus as aceita todas quando sinceras.

Não há, pois, considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único, mas, apenas, uma variedade no conjunto das instruções que os Espíritos ministram. E uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios somente. Nenhuma impõe, nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é sumamente grande para repelir a voz que lhe suplica ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo e não de outro. Quem quer que lance anátema às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus. Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade.

Condição essencial à prece, segundo S. Paulo (cap. XXVII, nº 16), é que seja inteligível, a fim de que nos possa falar ao espírito. Para isso, não basta seja dita numa língua que aquele que ora compreenda. Há preces em língua vulgar que não dizem ao pensamento muito mais do que se fossem proferidas em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras idéias que elas contêm ficam, as mais das vezes, abafadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem.

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lentejoulas. Cada palavra deve

ter alcance próprio, despertar uma idéia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. Entretanto, notai com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maioria dos casos. Vêem-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, verifica-se que ali apenas há um ato maquinal, puramente exterior, ao qual se conserva indiferente a alma.

Estão divididas em cinco categorias as preces constantes nesta coletânea; 1ª) Preces gerais; 2ª) Preces por aquele mesmo que ora; 3ª) Preces pelos vivos; 4ª) Preces pelos mortos; 5ª) Preces especiais pelos enfermos e pelos obsidiados.

Com o propósito de chamar, de maneira especial, a atenção sobre o objeto de cada prece e de lhe tornar mais compreensível o alcance, vão todas precedidas de uma instrução preliminar, de uma espécie de exposição de motivos, sob o título de prefácio.

I - PRECES GERAIS

Oração dominical

2. PREFÁCIO. Os Espíritos recomendaram que, encabeçando esta coletânea, puséssemos a Oração dominical, não somente como prece, mas também como símbolo. De todas as preces, é a que eles colocam em primeiro lugar, seja porque procede do próprio Jesus (S. Mateus, cap. VI, vv. 9 a 13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que se lhe conjuguem; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a mais singela forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem a diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.

Contudo, em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que encerram as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das pessoas. Daí vem o dizerem-na, geralmente, sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia se ache condicionada ao número de vezes que seja repetida. Ora, quase sempre esse é um dos números cabalísticos: três, sete ou nove tomados à antiga crença supersticiosa na virtude dos números e de uso nas operações da magia.

Para preencher o que de vago a concisão desta prece deixa na mente, a cada uma de suas proposições aditamos, aconselhado pelos Espíritos e com a assistência deles, um comentário que lhes desenvolve o sentido e mostra as aplicações. Conforme, pois, as circunstâncias e o tempo de que disponha, poderá, aquele que ore, dizer a oração dominical, ou na sua forma simples, ou na desenvolvida.

3. PRECE. - I. Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome!

Cremos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmo-

nia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o pequenino inseto, até os astros que se movem no espaço, o nome se acha inscrito de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda a parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II. Venha o teu reino!

Senhor, deste aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais conseqüências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. Desaparecido terá, então, a incredulidade. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Fará, então, a tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. Dá-nos o pão de cada dia.

Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua

própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhes há dito: "Tirarás da terra o alimento com o suor da tua frente." Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa-vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e deseja tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo. (Cap. XXV.)

Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. As mãos lhes estendes para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti. (Cap. V, nº 4.)

Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa.

A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la.

Consideremos também que Deus nos outorgou a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem na Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos também a prudência, a providência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, à tua divina providência nos confiamos.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, mau grado aos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste. (Cap. XVI, nº 8.)

Afasta, igualmente, do nosso espírito a idéia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te aprouve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, quanto a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis reveses, ao passo que

eterno será o júbilo daquele que sofre resignado. (Cap. V, nº 7, nº 9, nº 12 e nº 18.)

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. - Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida que contraímos e que cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas, a caridade não consiste apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos dão motivo de queixa?

Concede-nos, ó meu Deus, forças para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. Faze que a morte não nos surpreenda guardando nós no coração desejos de vingança. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que nos possamos apresentar, diante de ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos seus algozes. (Cap. X.)

Constituem parte das nossas provas terrenas as perseguições que os maus nos infligem. Devemos, então, recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, por intermédio de Jesus: "Bemaventurados os que sofrem pela justiça!" Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exalçados por efeito da nossa humildade. (Cap. XII, nº 4.) Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso. (Cap. IV, e cap. V, nº 5.)

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal. (1)

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os maus Espíritos mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impo-

tentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. E inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os maus Espíritos naturalmente se afastarão, porquanto o mal é que os atrai, ao passo que o bem os repele. (Veja-se aqui adiante: "Preces pelos obsidiados".)

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obtermos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma. (Veja-se aqui adiante o nº 11.)

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprimos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. Assim seja.

Praza-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem. Mas, curvamo-nos perante a tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e melhor do que nós sabes o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência e, em particular, por N...

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. VI, v. 5-15. - LUCAS, Cap. XI, v. 1-4

Prece - O Pai Nosso

MATEUS: V.5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. 6. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso aposento e, fechada a porta, orai a vosso pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. - 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. 8. Não vos assemelheis a eles, porquanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. - 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; - 10, venha a nós o teu reino; - faça-se a tua vontade, tanto na terra como no céu; -11. dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; - 12, perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores; - 13, e não nos abandones à tentação; mas, livra-nos do mal, assim seja. 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. - 15. Se, porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: V. 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. - 2. Disse-lhes ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; - 3, dá-nos hoje o pão de cada dia - 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação.

N. 91. As explicações quanto à prece são idênticas como deve ser às que demos sobre a esmola: nada nunca façais tendo em vista obter a aprovação dos homens; tudo fazei procurando unicamente render ao Senhor as homenagens que lhe são devidas e que consistem simplesmente na observância sincera e desinteressada das leis do amor e da caridade, que ele vos impõe.

Prescrevendo o segredo, o silêncio e o recolhimento para a prece como para a esmola, proibindo a multiplicação das palavras, Jesus proscrescia, de então e de futuro, as pompas e as cerimônias exteriores e as orações longas, pronunciadas pelos lábios, mas não saídas do coração.

Repitamos juntos, oh! bem-amados, a prece que o Mestre formulou para os homens, a fim de vos fazermos compreender, em espírito, o sentido e o alcance que

ela tem.

Pai nosso: - nosso Criador, de quem todos provimos; - que estás nos céus: - que estás tão acima de todas as criaturas humanas, tão elevado, que tens por morada o infinito, dentro do qual não te podem descobrir os nossos olhos impuros.

Santificado seja o teu nome: - que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome; - que, por seus atos e pensamentos, todas demonstrem até que ponto honram a poderosa fonte donde provieram; - que em seus corações nada exista capaz de ofender aquele que é a pureza absoluta.

Venha o teu reino: - que todos os homens se submetam à tua lei; - que todos conheçam e abençoem o manancial donde tiraram a existência.

A tua vontade seja feita assim na terra como no céu: - que todos os homens, submissos às leis imutáveis que lhes impuseste, as pratiquem com amor, com reconhecimento, tendo por escopo honrar-te e glorificar-te, do mesmo modo que os Espíritos bem-aventurados se submetem às tuas vontades sublimes, felizes por serem delas humildes instrumentos e executores.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: - concede-nos, Senhor, cada dia, os alimentos necessários à existência material que nos deste; - que esses alimentos não nos proporcionem mais do que o sustento preciso, sem contribuírem de maneira alguma para alentar os nossos apetites grosseiros; - faze, Senhor, que, sustentados por esse alimento passageiro, possamos implorar eficazmente e receber o pão de vida, único que nos levará aos pés da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas como perdoamos aos nossos devedores: - que a tua bondade se estenda por sobre nós, criaturas ínfimas, sempre rebeladas contra as tuas sublimes vontades; - perdoa-nos a nós que tantas vezes temos falido e falimos a cada segundo da nossa vida; - que a tua misericórdia se derrame sobre nós, Senhor. Mas, como o amor e o perdão são lei na nossa existência, se deixarmos de a praticar, que a tua justiça se exerça sobre nós, pois nos disseste, pela boca do teu celeste enviado, nosso Mestre, governador e protetor do nosso planeta: "Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam". É atentando nestas palavras que te pedimos, pai de justiça, uses de represálias conosco e nos perdoes se também perdoarmos aos nossos irmãos suas faltas.

E não nos deixeis entregues à tentação: - dá-nos, bom Deus, força para resistirmos aos maus instintos da nossa natureza tão má; - fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias tantas vezes abatidas; - que o teu pensamento erga permanente e

intransponível barreira entre o pecado que tanto te desagrade e os teus servos indignos, mas desejosos de merecerem as tuas graças, a fim de que possamos levar a cabo as nossas provações terrenas, sem fraquezas nem desfalecimentos.

Livra-nos do espírito do mal: - permite, Senhor, que, cercados pelos bons Espíritos, submissos a seus conselhos, inspirações e ensinamentos, consigamos, pela pureza dos nossos corações, afastar os maus Espíritos, que tentam incessantemente apoderar-se de nós e que tão frequentemente nos arrastam para o mau caminho; - livra-nos, Senhor, das suas perniciosas influências e concede-nos a graça de os reconduzirmos a ti, por meio dos nossos conselhos, pelo exemplo moral que colherem dos nossos atos e pensamentos e por nossas preces.

Assim seja, pois que te pertencem o reinado, o poder e a glória: - só tu, Senhor, és grande, pois que estás acima de tudo; és o único criador de tudo que se move no espaço infinito, és onipotente na imensidade, és nosso juiz supremo, nosso soberano, nosso rei bem-amado; - a ti as homenagens dos nossos corações, a ti os nossos cânticos eternos; - faze, Senhor, que bem cedo nos seja dado unir nossas vozes às dos Espíritos bem-aventurados que celebram a tua glória, a tua grandeza e, sobretudo, a tua bondade infinita; - é este, oh! pai nosso, o voto que ousa exprimir aos teus pés o mais humilde dos teus filhos.

Meditai, amados irmãos, sobre este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, vos acabamos de dar acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando os verdadeiros sentimentos do dever para com Deus, para com os seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que ele, o Deus de amor, vos abençoe.

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Reuniões espíritas

4. Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei. (S. MATEUS, cap. XVIII, v. 20.)

5. PREFÁCIO. Estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, não quer dizer que basta se achem materialmente juntas. É preciso que o estejam espiritualmente, em comunhão de intentos e de idéias, para o bem. Jesus, então, ou os Espíritos puros, que o representam, se encontrarão na assembléia, O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiqüidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes.

Dizendo as palavras acima transcritas, quis Jesus revelar o efeito da união e da fraternidade. O que o atrai não é o maior ou menor número de pessoas que se reúnam, pois, em vez de duas ou três, houvera ele podido dizer dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que elas sejam duas. Contudo, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora dirigindo-se ambas a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se ali não estão sob o influxo de um sentimento de mútua benevolência. Se se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se. Nesse caso, não estarão reunidas em nome de Jesus, que, então, não passa de pretexto para a reunião, não o tendo esta por verdadeiro motivo. (Cap. XXVII, nº 9.)

Isso não significa que ele se mostre surdo ao que lhe diga uma única pessoa; e se ele não disse: "Atenderei a todo aquele que me chamar", é que, antes de tudo, exige o amor do próximo; e desse amor mais provas podem dar-se quando são muitos os que exoram, com exclusão de todo sentimento pessoal, e não um apenas. Segue-se que, se, numa assembléia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, ele estará com as primeiras e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos, em concordância com o espírito de caridade que ele personifica. (Capítulo X, nº 7 e nº 8; cap. XXVII, nº 2 a nº 4.)

Tal o caráter de que devem revestir-se as reuniões espíritas sérias, aquelas em que sinceramente se deseja o concurso dos bons Espíritos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 18-20

Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. - Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome

V. 18. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. - 19. Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus. - 20. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles.

N. 228. (V. 18.) Já explicamos o que deveis entender pelo poder de ligar e desligar que Jesus declarou terem os seus apóstolos. Reportai-vos ao que dissemos atrás.

Os discípulos de Jesus já eram esclarecidos e ainda o haviam de ser mais quando lhes fosse dada toda a luz, nos limites da missão terrena de cada um. Já de si mesmos elevados, inspirados e guiados pelos Espíritos superiores, eles se achavam em condições de julgar com sabedoria, com acerto, da moralidade, dos sentimentos dos homens. Não sabeis, por exemplo, que Pedro condenou a Ananias?

É que, advertido misteriosamente, isto é, como médium audiente, pelos Espíritos superiores, da perfídia do mesmo Ananias, Pedro se achou em estado de julgá-lo com segurança.

A perspicácia dos apóstolos, que todos eram médiuns inspirados, audientes, resultava da elevação pessoal deles e dos avisos que recebiam de seus guias espirituais.

Depois de lhes haver declarado: "Em verdade vos digo: tudo o que ligardes na Terra será ligado no céu", Jesus não acrescenta: "Em verdade também vos digo que tudo o que os vossos descendentes, na sucessão dos tempos, ligarem na Terra será igualmente ligado no céu; e tudo o que desligarem na Terra será desligado no céu". O Mestre só se dirige aos apóstolos e não a seus "sucessores" degenerados!

Abstração feita dos cultos externos, entre os sucessores dos Apóstolos (Judeus e Gentios) alguns houve, como entre vós alguns ainda há, que, pela sua santidade e por suas faculdades mediúnicas, com a assistência e o concurso dos bons Espíritos, de seus guias espirituais, podem colocar-se em estado de ligar e de desligar, no verdadeiro sentido destas palavras, que já vos mostramos qual seja. Mas, quão reduzido é o número desses!

(Vv. 19-20.) Ao proferir estas palavras: "Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na Terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus", Jesus se dirigia a homens piedosos, cujos pensamentos e aspirações buscavam o céu. Assim, pois, falava do ponto de vista das graças celestes e não do das

mesquinhas preocupações da vossa humanidade.

Promete aos que se reúnam em seu nome que o que pedirem lhes será concedido por Deus. Já não o tendes verificado muitas vezes por experiência própria?

Mas, para que Deus escute as preces que se lhe dirigem, preciso é que sejam feitas, não com os lábios, e sim com um sentimento profundo e santo; que aquele ou aqueles que pedem o façam com a ardente confiança de que serão ouvidos, de que serão atendidos. É preciso ainda - escusado nos parece lembrá-lo - que santo e justo deve ser o espírito da súplica.

Muitos dirão: "Temos pedido, animados de todos esses sentimentos, e nada obtivemos". Sabeis porventura se era oportuna a vossa súplica? Sabeis se o que pretendíeis com tanto afã não vos seria de resultados desastrosos? Sabeis se o vosso pai não vos atendeu para a vida eterna, quando lhe pedíeis uma graça temporal?

(V. 20.) Jesus promete estar com aqueles que se reunirem em seu nome. Quando estiverdes dois ou três reunidos, assim como quando fordes mil, o Senhor virá até vós e seu ouvido estará aberto aos vossos rogos.

Mas, para que tal se dê, é indispensável que estejais verdadeiramente reunidos em seu nome, isto é, com o desejo de lhe seguir a lei, animados reciprocamente do amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a vós mesmos, esforçando-vos de modo sério e perseverante por proceder com os outros como queríeis que procedessem convosco, decididos a fazer pelos outros, material, moral e intelectualmente, o que desejaríeis vos fizessem.

Já conheceis a influência atrativa que exercem os fluidos simpáticos. Eles são o laço que aproxima, um do outro, Espíritos, senão da mesma ordem, pelo menos animados dos mesmos sentimentos, dos mesmos gostos, dos mesmos pendores.

Tais fluidos se atraem uns aos outros por analogia de espécie, de natureza, estabelecendo as relações entre os Espíritos. Quando, pois, obedecendo ao mesmo pensamento, concorrendo para uma mesma obra, alguns homens se reúnem, as simpatias que eles atraem se lhes vêm grupar em torno. Assim, às reuniões de homens frívolos e vão acorrem Espíritos vão e frívolos.

Se, portanto, intimamente unidos pelo amor a Deus, vos reunis para a obtenção de suas graças, se formais uma cadeia simpática, bastante sólida, aquele para cuja proteção apelais acode ao vosso chamado, no sentido de que seus emissários vos cercam, vos banham nos eflúvios de amor que implorais.

Não deduzais daí seja preciso que vos aglomereis num certo ponto para que as graças do Senhor afluam. Ah! são tão raros os homens animados de bons sentimentos, do verdadeiro sentimento de amor, que, quando se reúnem, ainda que em pequeno número, há sempre entre eles tíbios, indiferentes, ou indignos. O Senhor, porém, sabe contar suas ovelhas e caras lhe são as cabeças fiéis.

N. 229. Em nome da Igreja romana, o texto do v. 20 é entendido sob diversos pontos de vista. Em primeiro lugar, para fazerem de seus concílios uma arma, conside-

rando-os como meio, superior a quaisquer outros, de se obter a verdade, a sã e legítima interpretação das sagradas escrituras, dizem: "Que respeito não devem merecer os concílios nos quais toda a Igreja se acha reunida, na pessoa de seus pastores, para esclarecimento da verdade, reforma dos costumes, estabelecimento da disciplina e interpretação das santas escrituras! - Cegos são os que preferem ou equiparam seus sentimentos aos dessas santas assembléias!"

Nesse instante e quando ia eu prosseguir, fui interrompido. A mão do médium, fluidicamente impelida, escreveu isto, em resposta:

Detende-vos aqui. Jesus disse: "Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, eu aí estarei entre elas".

Jesus sabia quão difícil é reunirem-se os homens em grande número, animados dos mesmos sentimentos e do mesmo espírito.

Não tendes mais do que perguntar à Igreja em que concílio uma só questão religiosa se resolveu por unanimidade, sem discussão, sem controvérsias, muitas vezes acerbadas.

Ora, se nos concílios, compostos de "homens de Deus", "infalíveis" em seus julgamentos, os pareceres eram diversos; se membros desses mesmos concílios mantinham suas opiniões contra a maioria triunfante, quais as influências que guiavam os do sacro colégio?

Desde que controvertidas se mostram as opiniões nos concílios, por que meio se há de determinar o que é inspirado pelo "Espírito Santo" e o que o é por "Satanás"?

Dirão: pela sabedoria humana, pela experiência, pelo estudo, pelas tradições.

Respondei-lhes vós: pela razão.

Continuai.

Acrescentam: "Só a Igreja pode ter e tem a verdade; só ela, reunida em concílio, é infalível, pois que só ela é assistida e inspirada pelo Espírito Santo."

Respondei à Igreja: Infalível só Deus o é. Vossos pastores, quer isolados, quer reunidos em concílio, são tão falíveis quanto os outros homens, sujeitos, como estes, às boas influências, que vêm do Espírito-Santo, e às más, que vêm de Satanás. Essas influências eles as atraem conforme à natureza, boa ou má, de seus sentimentos, pensamentos e inclinações.

Se os vossos pastores, quando reunidos em concílio, fossem infalíveis, por terem a assisti-los e inspirá-los, a lhes guiar o juízo o Espírito Santo, haveria entre eles unidades de vistas, suas decisões seriam unânimes e assinaladas todas pelo cunho da caridade, da tolerância e do amor universal.

Não nos objeteis que a infalibilidade está com a maioria dos membros dos vossos concílios. Como o provareis?

Ao contrário, a minoria deles é que tem marchado, como ainda hoje é a minoria dos que compõem a vossa comunidade que marcha nas pegadas do Mestre; que deu e dá, não por palavras, mas pelos pensamentos e pelos atos, exemplos de doçura, de humildade, de desinteresse, de frugalidade, de temperança, de sobriedade, de castidade, de paciência, de resignação, de caridade e de amor para com todos. Quais, dentre os da maioria dos vossos concílios, os que, imitando os apóstolos e os seus primeiros imitadores, hão exemplificado a abnegação e o devotamento, a tolerância e a fraternidade para com todos os homens igualmente (Judeus e Gentios), abstração feita dos cultos externos, chamando-os todos a si e lhes dizendo do fundo do coração: Não temos senão um pai, que está nos céus, não temos senão um senhor e mestre - o Cristo e todos somos irmãos?

Não era na maioria dos membros dos vossos concílios que se encontravam o orgulho, a ambição, o fanatismo, a intolerância, muitas vezes o egoísmo e não raro a incredulidade?

Quem então os assistia e inspirava, quem lhes presidia às decisões - o Espírito Santo, isto é, os bons Espíritos, os Espíritos de luz e de verdade, ou, ao contrário, Satanás, isto é, os maus "Espíritos, os Espíritos de erro e de mentira?"

Em segundo lugar, hão dito, para afastar da revelação espírita os homens, que só Satanás teve e tem o poder de se comunicar, que só ele se comunica mediunicamente com os deste mundo."

Não vos detenhais com essas puerilidades interesseiras, monstruosas em si mesmas, devidas à ignorância ou à má-fé, e que são desmentidas não só pelas tradições históricas, pelos fatos ocorridos em todos os tempos e entre todos os povos, como também pelas sucessivas revelações que o Senhor vos tem enviado. A lei natural é imutável da atração magnética, assim no domínio espiritual como na esfera material, não existiu sempre, de toda a eternidade?

Não é sob a influência atrativa dos fluidos simpáticos que em todos os tempos se verificaram as relações entre os Espíritos errantes e os encarnados, que estes e aqueles foram e são atraídos uns para os outros, desde que os mesmos sentimentos e pensamentos, os mesmos gostos e inclinações existem nuns e noutros?

Não é em virtude da atração que esses fluidos exercem uns sobre os outros por analogia de espécie, de natureza, que o encarnado, conforme sejam bons ou maus seus sentimentos, pensamentos, gostos e pendoros, atrai a si, pela inspiração, as boas, ou más influências ocultas, ou, pelas comunicações mediúnicas, as ostensivas?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, a ação mediúnica, oculta ou ostensiva, consciente ou inconsciente, não existiram sempre? Não foram o instrumento e o caminho de todas as revelações feitas aos homens? Não foram elas que desde a origem dos tempos, desde a mais remota antiguidade até aos dias de hoje, inspiraram aos homens a idéia da sua origem espírita, as da imortalidade da alma

e da divindade?

Não são elas que os têm trazido sempre sujeitos às boas e às más influências, conforme às condições morais de cada um; que lhes infundiram as crenças politeístas, preparatórias do advento do monoteísmo; que os levaram a fazer de todas as virtudes, como de todas as paixões e de todos os vícios, Deuses?

Não serviram para preparar entre os "Gentios", com o auxílio de Espíritos encarnados em missão, a crença esclarecida na imortalidade da alma, na unidade divina, no monoteísmo, na reencarnação?

Porque, ao povo hebreu, atrasado e supersticioso, mas destinado a constituir-se o depositário da crença monoteísta, para transmiti-la às gerações futuras, proibiu Moisés que interrogasse os mortos, que lhes pedisse a verdade, senão para preservá-lo de ser, pelos Espíritos inferiores e impuros que o cercavam, desviado da senda por onde lhe cumpria enveredar? E Moisés, bem como, depois dele, os profetas prepostos ao advento da era nova do monoteísmo, não se comunicavam, pela ação mediúnica, tanto oculta quanto ostensiva, com o "Espírito Santo", isto é, com os Espíritos bons, com os Espíritos superiores, que os assistiam, inspiravam e guiavam, em nome do Senhor?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, existente desde todos os tempos, antes mesmo que Moisés viesse desempenhar a sua missão, antes que a Igreja católica instituísse os dogmas da queda dos anjos, do demônio, de Satanás, da condenação eterna, não continuou a verificar-se até aos dias que correm?

Ao longo da marcha dos séculos não se vos deparam marcos que vos dizem: "Parai aqui e encontrareis traços de fatos idênticos aos que vos surpreendem; escavai, procurai e muitos outros descobrireis, que as chamas das fogueiras, os instrumentos de tortura e os cárceres furtaram ao conhecimento dos homens?"

Onde, senão nessa comunicação entre os mundos espiritual e corporal, tem ido a Igreja buscar os elementos de beatificação dos que viveram no seu meio e que a influência mediúnica não fez sair do círculo de seus ensinamentos dogmáticos, de seus mandamentos humanos? Daquela comunicação entre os mundos visível e invisível não tirou a Inquisição tantas vezes motivo para condenar à morte pelas torturas, ou nas fogueiras, os que a seu ver estavam, por efeito da influência mediúnica, fora do redil da Igreja?

O Espiritismo, lei natural e imutável estabelecida por Deus de toda a eternidade, pelo simples fato da sua existência, real, ou considerado como sendo apenas a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo corporal, não é uma revelação nova. Não deveis tomar esta denominação como indicando que se vos há explicado um mistério recém-importado para vos reconduzir, não. Trata-se tão-somente de uma ampliação dada hoje ao que sempre existiu. A liberdade de consciência, de que hoje gozais, permitiu que fatos outrora abafados se pudessem grupar, formando um conjunto que vos atraísse a atenção. Porém, essa amplificação das relações entre as almas livres e as prisioneiras não constitui uma revelação nova. O Espiritismo vos traz uma revelação, não pelo simples fato de existir, repetimos, mas pelas explicações que vos dá, em

espírito e verdade, das vossas origens e fins e pelos meios que vos proporciona de chegardes a esses fins.

Negar a ação mediúnica, oculta ou patente, do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos bons, dos Espíritos de luz e verdade, sobre os homens; negar a comunicação entre eles e estes; não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, senão a de "Satanás", isto é, dos Espíritos maus, dos Espíritos do erro e da mentira, equivale a rejeitar todo o passado da humanidade terrena, as tradições de todos os fatos que ela registrou, todas as revelações que vos têm sido sucessiva e progressivamente trazidas, o Antigo e o Novo Testamentos, os fatos, que um e outro relatam, de manifestações espíritas, de comunicação dos "anjos", isto é, dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens.

Como foi, senão por uma manifestação espírita, por uma comunicação do mundo espiritual com o corporal, que Deus enviou a Moisés, no Sinai, as tábuas da lei, o Decálogo?

De que modo, senão por meio de uma manifestação espírita, de uma comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, foi o Messias anunciado a Abraão e depois aos Hebreus pelos profetas de Israel? Que eram estes, senão mediuns inspirados, audientes, instrumentos inconscientes dos Espíritos do Senhor? De que modo, senão por aquele, Jesus, Espírito, puramente Espírito, perfeito, visualmente encarnado, para os homens, Ihes trouxe, desempenhando a sua missão terrena, a boa nova, a lei de amor, a regeneradora doutrina, que não era sua mas daquele que o enviara? De que maneira, senão por uma manifestação espírita, Ihes fez ele, proferindo palavras proféticas também veladas, a velada revelação do futuro do vosso planeta e da sua Humanidade? Por que maneira outra Ihes prometeu o advento do Consolador, que é o Espírito Santo, do Espírito da Verdade e, conseqüentemente, das comunicações dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens, nos tempos predeterminados pelo Senhor, tempos cujos sinais se produziram outrora, se produzem hoje e se produzirão cada vez mais na Terra?

Negar a ação mediúnica, oculta ou manifesta, do Espírito Santo, ou seja: dos bons Espíritos, dos Espíritos de luz e de verdade, sobre os homens e não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o corporal, senão a de "Satanás", ou seja: dos Espíritos maus, dos Espíritos de erro e de mentira, é insultar a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus; é negar a sua sabedoria infinita, a sua providência e a ação desta entre os homens, negando ao mesmo tempo a lei imutável do progresso, que rege o universo inteiro e que vos conduzirá à perfeição, lei essa da qual a do sofrimento, da expiação, constitui uma modalidade de que a vossa humanidade ainda necessita, no período de inferioridade moral em que ainda se acha o vosso planeta.

Em terceiro lugar, dizem: Se os bons Espíritos, órgãos do Espírito da Verdade, podem comunicar-se com os homens, igualmente o podem os maus, mentirosos, hipócritas inteligentes e hábeis, anjos de trevas, transformando-se em anjos de luz. Falível

de si mesma a razão humana e, portanto, incapaz de, com exatidão, distinguir da mentira e do erro a verdade, nas comunicações mediúnicas, impossível se torna saber se a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é obra da verdade, ou se, ao contrário, é obra de erro e mentira, uma vez que o homem não tem meios de saber com certeza se o Espírito que se comunica é órgão do Espírito Santo, do Espírito da Verdade, ou de "Satanás".

Esta objeção inquina igualmente de incerteza as decisões dos concílios, que se dizem estar sob a inspiração do Espírito Santo. Como acima vos fizemos notar, desde que não há entre os membros da Igreja, quando reunidos em concílio, unanimidade de sentimentos, de pensamentos, de vontade, de aspirações, há dupla influência: uma boa, a outra má. Quais os que recebem a boa? Tal a questão a resolver.

Para as inspirações da Igreja, como para as dos médiuns, há um critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação fiscalizadora por meio da razão, verdadeiro testemunho de Deus entre os homens.

Esquadrinhai a história dos papas, dos concílios e buscai nos julgamentos proferidos os sentimentos de abnegação, de desinteresse, de amor universal que lhes presidiram às decisões. Quando os houverdes encontrado podereis dizer: "Isto emanou verdadeiramente do "Espírito Santo".

Para as comunicações particulares, a pedra de toque é a mesma. Onde quer que se vos deparem o amor e a caridade abatendo o orgulho, a avareza, a ambição, os vícios que disputam a posse da humanidade e a dilaceram, podereis dizer: "Isto provém dos bons Espíritos do Senhor; foi o Espírito Santo quem inspirou os médiuns."

Na ordem espiritual, pelo que concerne às verdades de além-túmulo que vos são espiriticamente reveladas, bem como pelo que toca às verdades que surgem no campo da ciência humana, há também o mesmo critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação governativa por meio da razão e que, mediante as contradições, sob a ação do progresso dos tempos e das inteligências, assegura a vitória de todas as verdades e determina a condenação de tudo o que seja erro ou mentira.

Não esqueçais as palavras, já por nós explicadas, que Simeão pronunciou no templo, falando de Jesus, que é a luz do mundo, o caminho, a verdade, a vida, o Cristo de Deus, o Espírito da Verdade, por ser desta a personificação, o complemento e a sanção: "Este menino que aqui vedes vem para ruína e ressurreição de muitos em Israel, para ser alvo das contradições dos homens".

As revelações são sucessivas e progressivas. Cada uma explica e desenvolve a que a precedeu e é explicada e desenvolvida pela que a segue. Cada uma é sempre apropriada ao estado das inteligências e às necessidades da época e vem pela vontade de Deus para, segundo a sua presciência e sabedoria infinitas, conduzir a humanidade pela senda ascensional do progresso.

Assim como, sob o regímen da lei antiga, houve Moisés e os profetas, que eram médiuns, inspirados, audientes, videntes, conforme a natureza e as exigências da mis-

são que lhes cabia na execução da obra progressiva; assim como, para a revelação que o Cristo vos trouxe, houve os apóstolos, os discípulos, que também eram médiuns, inspirados, audientes, ou videntes, conforme as condições e as necessidades da missão que lhes tocara na grande obra de regeneração da humanidade terrena; hoje, igualmente, para a revelação que, em nome do Espírito da Verdade, vos trazem os Espíritos do Senhor, há e haverá cada vez mais, no futuro, médiuns de confiança, fiéis, e missionários encarnados para, com o concurso desses médiuns, receberem mediunicamente e espalharem a luz e a verdade. Dissemos que, no futuro, haverá cada vez mais médiuns, porque, como já tivemos ocasião de vos declarar, Deus nada espera dos efeitos do "acaso". Tudo tem sido, é e será preparado pelas encarnações necessárias.

As verdades espiriticamente reveladas serão alvo das contradições, como sucede com todas as verdades que surgem entre os homens. Mas, das contradições, como sempre acontece no seio da humanidade, é que sairá, com o progresso dos tempos e das inteligências, pela ação contínua do vosso desenvolvimento físico, moral e intelectual, o triunfo para aquelas verdades.

Auxiliando-vos nessa empresa, tereis a ação, ora oculta, ora patente, dos Espíritos purificados que, sob a direção do Mestre, trabalham pelo vosso progresso, mediante inspirações e comunicações mediúnicas, e tereis também os Espíritos que virão encarnar com a missão de defender essas verdades e de vos levar a reconhecê-las como tais. Eles vos levarão a reconhecê-las, pela liberdade do Senhor, que vem a ser: liberdade de consciência, liberdade de razão, liberdade de exame. Efetivamente, como também já tivemos ocasião de dizer, a liberdade do Senhor implica, para vós, o uso livre da razão, a apreciação dos fatos e das coisas, a aplicação da ciência, a marcha progressiva em todos os assuntos, mas tudo isso com inteira simplicidade de coração, com humildade de Espírito, desinteresse e desejo de progredir, tendo por guias únicos o amor de Deus acima de tudo e o amor ao próximo mais do que a si mesmo.

Em quarto lugar, dizem finalmente: "Todos se devem abster de qualquer comunicação com o mundo espiritual, de quaisquer comunicações mediúnicas, atendo-se todos à revelação trazida por Moisés, à revelação trazida pelo próprio Jesus quando desempenhou a sua missão terrena, às interpretações que a Igreja deu a essa dupla revelação e repelindo a revelação espírita."

Porventura a revelação que Moisés trouxe impediu o aparecimento dos numerosos profetas que surgiram em Israel, todos esses Espíritos em missão, médiuns inspirados e guiados pelos Espíritos do Senhor, tendo todos por objetivo reconduzir os Israelitas às crenças puras, libertando-os dos laços com que os tinham presos a tradição e a ambição dos levitas?

A segunda revelação, que aceitastes porque a vistes predita no Antigo Testamento, não vos anunciou, por sua vez, que em si não trazia aos homens a última

palavra, pela razão de não se achar a inteligência destes em estado de a compreender? - Há mil e oitocentos anos não se têm erguido profetas, quais os de Israel, anatematizando as heresias introduzidas nos Evangelhos tão brandos e simples de Jesus? Combates não se travaram entre os enviados que pregavam a lei pura e a ela queriam voltar e os que a tinham falseado e queriam mantê-la falseada pelas práticas materiais, pelos dogmas, pelos mandamentos humanos?

E ainda agora não vedes os sinais dos tempos? Na segunda revelação Jesus predisse e prometeu aos homens que, nos tempos do "fim do mundo", do céu cairiam as estrelas e as virtudes do céu se abalariam; que, em seu nome, o pai lhes enviaria o Consolador, que é o Espírito Santo, o qual lhes ensinaria todas as coisas e lhes lembraria quanto ele dissera; que o Espírito da Verdade viria e que, quando viesse, lhes ensinaria toda a verdade, porquanto não falaria por si mesmo e sim diria o que houvesse escutado; que lhes anunciaria as coisas porvindouras e que seria o mesmo Espírito da Verdade quem o glorificaria.

Os tempos preditos chegaram. Os Espíritos do Senhor (virtudes dos céus que se abalaram, estrelas que do céu caem ao mesmo tempo sobre todos os pontos do vosso planeta, consolador que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade) estão vindo preparar e realizar o fim do mundo do erro e da mentira, glorificar a Jesus, recordar-vos tudo o que este disse, explicando, em espírito e verdade, e desenvolvendo os seus ensinamentos, ensinar-vos progressivamente toda a verdade e anunciar-vos as coisas que hão de vir.

A terceira revelação, que assim vos trazem os Espíritos do Senhor, enviados pelo pai em nome de Jesus, vos é feita na medida do que podeis suportar e continuará progressivamente a ser feita, na medida do que vos for sendo possível receber.

Ainda agora, não acrediteis que tendes a revelação integral. Os Espíritos do Senhor vêm preparar o novo advento de Jesus que, quando fordes capazes e dignos de recebê-lo, vos virá mostrar sem véu a verdade, da qual ele é, como Espírito da Verdade, o complemento e a sanção.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Para afastar os maus Espíritos

15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e estais, por dentro, cheios de rapinas e impurezas. - Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. - Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridões. - Assim, pelo exterior, pareceis justos aos olhos dos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades. (S. MATEUS, cap. XXIII, vv. 25 a 28.)

16. PREFÁCIO. Os maus Espíritos somente procuram os lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo.

Assim como se limpa o corpo, para evitar a bicheira, também se deve limpar de suas impurezas a alma, para evitar os maus Espíritos. Vivendo num mundo onde estes pululam, nem sempre as boas qualidades do coração nos põem a salvo de suas tentativas; dão, entretanto, forças para que lhes resistamos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 23-39. - LUCAS, Cap. XI, vv. 37-54 e Cap. XIII, vv. 31-35

Doutores hipócritas que têm o coração viciado e enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade

MATEUS: V. 23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e não vos importais com o que há de mais importante na lei: a justiça, a misericórdia e a fé, coisas estas que devíeis praticar sem omitir as outras. - 24. Guias cegos, que coais um mosquito e engulis um camelo! - 25. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que, entretanto, estais por dentro cheios de rapina e de imundícias! - 26. Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. 27. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas e podridões! - 28. Assim também vós: exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. - 29. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas, que adornais os monumentos dos justos e dizeis: - 30. Se vivêramos nos dias de nossos pais, não os teríamos acompanhado no derramamento do sangue dos profetas. - 31. Testificais, assim, contra vós mesmos, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. - 32. Enchei, pois, a medida de vossos pais. - 33. Serpentes, raça de víboras! Como podereis escapar da condenação à geena? - 34. Eis porque vos vou enviar profetas, sábios e escribas que a uns matareis e crucificareis e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. - 35. É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. - 36. Em verdade vos digo que tudo isto virá cair sobre esta geração. - 37. Ah! Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos, e não quiseste! - 38. Eis que deserta vos será deixada a casa. - 39. Porque, eu vos declaro que desde agora não mais me vereis, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

LUCAS: XI, v. 37. E estando a falar, um fariseu o convidou para jantar. Ele lhe entrou em casa e tomou lugar à mesa. - 38. Começou então o fariseu a dizer de si para si : Porque não se lavou ele antes de comer? - 39. Disse-lhe então o Senhor: Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso íntimo está cheio de rapina e de iniquidade. - 40. Insensatos! aquele que fez o

que está por fora não fez também o que está por dentro? - 41. Entretanto, dai de esmola o que tendes e eis que todas as coisas se vos tornarão limpas. - 42. Mas, ai de vós fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda, de todas as ervas e desprezais a justiça e o amor de Deus! Estas coisas, porém, é que devíeis primeiro praticar, sem omitirdes as outras. - 43. Ai de vós, fariseus! que gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e de que vos saúdem nas praças públicas. - 44. Ai de vós, que sois como os sepulcros que não aparecem e por sobre os quais andam os homens sem o saberem. - 45. Observou-lhe então um dos doutores da lei: Mestre, falando assim, também a nós outros nos afrontas! - 46. Respondeu Jesus: Ai, também de vós, doutores da lei, que carregais os homens de fardos que eles não podem suportar e nos quais não tocais sequer com a ponta do dedo. - 47. Ai de vós, que erigis túmulos aos profetas, quando foram vossos pais que os mataram. - 48. Certo, dais assim testemunho de que concordais com as obras de vossos pais, pois que estes os mataram e vós lhes construís os túmulos. - 49. Por isso mesmo disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos e a uns eles matarão e a outros perseguirão, - 50, para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo, - 51, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas. - 52. Ai de vós, doutores da lei, que vos apoderastes da chave da ciência e que não entrastes e impedistes a entrada aos que queriam entrar. - 53. Como desta maneira lhes falasse, começaram os fariseus e os doutores da lei a insistir fortemente com ele, importunando-o com perguntas sobre muitos assuntos, - 54, armando-lhe assim ciladas com o fim de nalguma de suas palavras acharem motivo para o acusar.

LUCAS : XIII, v. 31. Naquele mesmo dia, alguns fariseus lhe vieram dizer: Retira-te, vai-te daqui, porque Herodes te quer matar. - 32. Respondeu-lhes Jesus: Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã ainda tenho que expulsar os demônios e curar os enfermos e que no terceiro dia serei consumado. - 33. Todavia, cumpre que eu caminhe ainda hoje, amanhã depois de amanhã, porque não convém que uni profeta morra fora de Jerusalém. - 34. Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos não quiseste! - 35. Eis que deserta vos será deixada a vossa casa. E eu vos digo em verdade que não mais me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!

N. 268. (MATEUS, v. 23; LUCAS, XI, v. 42.) "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, da arruda de todas as ervas e que omitis, negligenciais o que há de mais importante na lei: a justiça e o amor

de Deus, a misericórdia e a fé; coisas estas de que devíeis cuidar primeiro, sem omitirdes as outras."

Tratai de bem compreender o valor destas palavras de Jesus, vós que vendeis as orações, vós que as comprais, vós que fazeis doações às igrejas e aos conventos, pensando que assim resgatais vossas faltas e pagais a Deus a sua justiça. Compreendei-as bem, pois que fazeis como os escribas e os fariseus hipócritas, limitando-vos à prática de atos exteriores, prosternando-vos diante dos vossos altares, curvando as frentes com aparente humildade, mas conservando os corações cheios de fel, de orgulho, de inveja, e confiando no número das orações que murmurastes distraidamente, no das genuflexões que executastes, no das esmolas que deitastes nos mealheiros das igrejas, sem atentardes em que esses números se apagam à menor falta de caridade que os vossos corações denotem.

Não vos curveis tantas vezes nos templos, mas curvai-vos, uma vez por outra, sobre o desgraçado que encontrardes caído, para o levantardes. Não vos ajoelheis tantas vezes no chão dos vossos templos, porém, elevai com mais fé, reconhecimento e amor os vossos corações ao Senhor. Não lanceis no tesouro do templo, com tanta ostentação, o dízimo das plantas inúteis que cultivais, mas, antes, abri mão, ocultamente, do dinheiro da viúva, do órfão, do pobre.

Entretanto, não vos isenteis dos deveres que os vossos cultos impõem, porquanto ainda agora, como ao tempo dos Hebreus e até que estejais bastante adiantados moral e intelectualmente, bastante purificados para não mais adorardes o pai no monte ou em Jerusalém, para serdes adoradores do pai em espírito e verdade, é necessário que tenhais um freio. Fazei, porém, de modo que o cumprimento de tais deveres seja uma homenagem sincera, sinceramente prestada ao grande Ser que reina sobre o Universo e não a marcha monótona e regular da máquina que funciona, porque tem que funcionar. Não vos limiteis às práticas exteriores dos vossos cultos, omitindo, negligenciando a adoração verdadeira e a caridade do coração e dos atos, as quais, quando praticadas, constituem o amor a Deus, a justiça, a misericórdia e a fé.

(Mateus, vv. 24-28; Lucas, XI, vv. 38-41, 43 e 52.) As palavras de Jesus constantes destes versículos também abrangiam, de acordo com o seu pensamento, a época em que eram proferidas e o futuro, sendo ainda aplicáveis aos tempos atuais. Ai dos que, limitando-se aos atos exteriores da fé, cobrindo-se com manto de hipocrisia, não praticam as virtudes que pregam aos outros. Ai deles, pois que se condenam a si mesmos, por suas próprias bocas se acusam perante o Senhor!

Ai dos que fazem para si uma capa de boas obras fermentadas, que a tanto equivalem as boas obras aparentes, com o fim exclusivo de as impor aos homens, e que, assim ocultando as iniquidades que lhes pejam as consciências, atraem os outros e os enganam pelos semblantes que lhes apresentam.

Ai dos que, sabendo onde está a verdade, dela afastam seus irmãos, para que não se torne conhecida, para que suas iniquidades não sejam, conseqüentemente, patenteadas! Ai dos que, sabendo onde está a luz, a escondem, para que seus raios

desapareçam e as deformidades de suas almas não sejam vistas por seus irmãos.

Ai dos que, tendo-se apoderado da chave da ciência, nela não penetraram e lhes vedam a entrada aos que desejariam entrar. Ai desses, porquanto os que conhecem a verdade têm que viver segundo os seus ensinamentos. Eles possuem a chave: se não entram no caminho que se lhes abre diante dos passos e desse caminho desviam os que lhes cumpria conduzir por ele, duplamente culpados se tornam.

Ai dos que, conhecendo a verdade, a velam ou mascaram, a fim de poderem mais facilmente encaminhar o homem para as sendas tenebrosas, por onde eles próprios enveredam. São aparentemente escrupulosos; são-no para suas consciências e para as de seus discípulos. No fundo, porém, a iniquidade é que os impele. Incapazes de seguirem o caminho da verdade, afastam dele os que desejariam trilhá-lo, dizendo-lhes: "Segui-nos, só nós conhecemos o caminho mais seguro; quem não nos acompanha os passos se perde." Oh ! ai deles, ai desses guias cegos de um rebanho de cegos! Terão que dar conta de todas as ovelhas que houverem perdido, de todas as que hajam impedido de salvar-se! Ai dos que ocultam a luz! Sua claridade viva os cegará!

Ai dos hipócritas, dos falsários, dos velhacos, que ensinam como verdades o que sabem ser erros, que abrem estradas tenebrosas pelas quais não queriam aventurar-se, no sentido de que não abrigam em seus corações os princípios que impõem aos outros. Ai deles, porque se condenam por si mesmos diante do Senhor! Põem sobre os ombros de seus irmãos um fardo pesado e não consentem em suportar o menor embaraço. Mentem aos homens, mas não podem mentir ao Senhor. E o Senhor lhes pedirá severas contas de suas ações desde o começo dos séculos, desde o começo de suas iniquidades.

(Mateus, vv. 29-39; Lucas, XI, vv. 47-51; e XIII, vv. 31-35.) Dizendo o que consta destes versículos, aludia Jesus à morte e às perseguições que os profetas tinham sofrido, ao sacrifício que breve se consumaria no Gólgota, às perseguições, ao martírio e à morte que os apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos viriam a sofrer, aos esforços que ele fizera para reunir as ovelhas em torno do cajado do bom pastor, à destruição de Jerusalém, à dispersão dos Judeus e, finalmente, à época alegórica do fim do mundo, isto é, à época em que, operada pela depuração e transformação do vosso planeta e da humanidade terrena a regeneração desta, vindo o vosso protetor, governador e mestre em toda a sua glória, os homens (Judeus e Gentios), regenerados, clamarão, num brado unísono de amor, como outrora a multidão que o acompanhava à sua entrada na cidade santa: Bendito o que vem em nome do Senhor.

Chamamos a vossa atenção muito especialmente para estas palavras do Mestre:

MATEUS, vv. 35 e 36: É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. EM VERDADE VOS digo que tudo isto virá sobre esta geração. - LUCAS, XI, vv. 50 e 51: Para que a esta gera-

ção se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o principio do mundo, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas.

Estas palavras, no seu sentido oculto, se referem à reencarnação. Deus é infinitamente justo para não punir nos descendentes as faltas dos ascendentes, se aqueles não foram cúmplices destes. Jesus, pois, falava assim porque os que haviam matado os profetas ali estavam na sua presença, dispostos a derramar, segundo o modo de ver dos homens, o sangue do Cristo. Eles teriam, portanto, que prestar contas de todo o sangue que anteriormente haviam derramado e de todo o que ainda derramariam. Mistérios são estes da reencarnação, única chave que nos permite penetrar o sentido das palavras do Mestre e harmonizar a justiça do Senhor com a sua bondade. Se souberdes procurar, encontrareis sempre, nos ensinamentos de Jesus, dominando-os, esse pensamento, pronto a ser desvendado logo que o momento chegasse.

O sangue que os Hebreus derramaram corria sempre, vindo a cair, por meio da reencarnação, sobre a cabeça de seus descendentes segundo a carne, mas efetivamente sobre a cabeça dos que o tinham vertido em suas existências anteriores, até que ficassem purificados pelo fogo.

Não tomeis aqui esta palavra no seu sentido literal, mas sim na sua significação simbólica, a de que o fogo tudo purifica. O fogo era considerado como o princípio purificador, como o agente destinado a fazer subir aos pés do eterno os perfumes do incenso e o ardor dos sacrifícios. Essa a razão por que a todo o instante se fala do fogo para purificar os pecadores. Trata-se do fogo moral dos remorsos, da expiação, que leva o Espírito culpado ao arrependimento e ao desejo de reparar suas faltas, à purificação pela reparação e pelo progresso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXVIII - COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Pelos inimigos do Espiritismo

50. Bem-aventurados os famintos de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. Ditosos sereis, quando os homens vos carregarem de maldições, vos perseguirem e falsamente disserem contra vós toda espécie de mal, por minha causa. - Rejubilai-vos, então, porque grande recompensa vos está reservada nos céus, pois assim perseguiram eles os profetas enviados antes de vós. (S. MATEUS, cap. V, vv. 6 e 10 a 12.)

Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode perder alma e corpo no inferno. (S. MATEUS, cap. X, v. 28.)

51. PREFÁCIO. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que abrange a de a de consciência. Lançar alguém anátema sobre os que não pensam como ele é reclamar para si essa liberdade e negá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor do próximo. Perseguir os outros, por motivos de suas crenças, é atentar contra o mais sagrado direito que tem todo homem o de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como o entenda. Constrangê-los a atos exteriores Semelhantes aos nossos é mostrarmos que damos mais valor à forma do que ao fundo, mais às aparências, do que à convicção. Nunca a abjuração forçada deu a quem quer que fosse a fé; apenas pode fazer hipócritas. E um abuso da força material, que não prova a verdade. A verdade é senhora de si: convence e não persegue, porque não precisa perseguir.

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse (1) até uma religião, por que se não teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, protestante, ou judeu, adepto de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa, ou é verdadeira, se é falsa, cairá por si mesma, visto que o erro não pode prevalecer contra a verdade, quando se faz luz nas inteligências. Se é verdadeira, não haverá perseguição que a torne falsa.

A perseguição é o batismo de toda idéia nova, grande e justa e cresce com a magnitude e a importância da idéia. O furor e o desabrimento dos seus inimigos são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. Tal a razão por que o Cristianismo foi perseguido outrora e por que o Espiritismo o é hoje, com a diferença, todavia, de que aquele o foi pelos pagãos, enquanto o segundo o é por cristãos. Passou o tempo das perseguições sangrentas. é exato; contudo, se já não matam o corpo, torturam a alma, atacam-na até nos seus mais íntimos sentimentos, nas suas mais caras afeições. Lança-se a desunião nas famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido;

investe-se mesmo contra o corpo, agravandose-lhe as necessidades materiais, tirando-se-lhe o ganha-pão, para reduzir pela fome o crente. (Cap. XXIII, nº 9 e seguintes.)

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos desfiram, pois eles provam que estais com a verdade. Se assim não fosse, deixar-vos-iam tranquilos e não vos procurariam ferir.

Constitui uma prova para a vossa fé, porquanto é pela vossa coragem, pela vossa resignação e pela vossa paciência que Deus vos reconhecerá entre os seus servidores fiéis, a cuja contagem ele hoje procede, para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, carregai com altivez a vossa cruz. Crede na palavra do Cristo, que disse: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, que deles é o reino dos céus. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma." Ele também disse: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos fazem mal e orai pelos que vos perseguem. Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos e que a vossa doutrina é boa, fazendo o que ele disse e fez.

A perseguição pouco durará. Aguardai com paciência o romper da aurora, pois que já rutila no horizonte a estrela d'alva. (Cap. XXIV, nº 13 e seguintes.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 1-12. - LUCAS, Cap. VI, v. 20-26

Sermão do monte

MATEUS: V. 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, sentou-se e os discípulos o rodearam. - 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: - 3, "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. - 4. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. - 5. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. - 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. - 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. - 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. - 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. - 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: V. 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. -21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. - 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. - 23. Rejubilai nesse dia e exultai, que grande recompensa vos está reservada no céu, porquanto assim é que os pais deles trataram os profetas. - 24. Ai, porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vossa consolação no mundo. - 25. Ai de vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereis e chorareis! - 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas."

N. 75. A humildade, - a doçura que tem por companheiras a afabilidade e a benevolência, - a resignação nos sofrimentos físicos e morais, que são sempre uma expiação justa, porquanto derivam ou de faltas e imprudências com que o homem agrava sua provações terrenas, ou de existências anteriores, todas solidárias entre si de modo que cada um traz consigo a pena secreta da sua precedente encarnação, - o amor ardente, sério, perseverante do dever por toda parte e sempre, - a tolerância

também por toda parte e sempre, a indulgência para com os fracos e para com as faltas de outrem, a simpatia viva e delicada pelos sofrimentos e dores, físicos e morais, de seus irmãos, - o perdão, do íntimo d'alma, para as injúrias e ofensas, - o esquecimento, mas de maneira tal que o passado fique morto tanto no coração, como no pensamento, - a caridade e o amor, - a pureza de coração, que exclui não só todas as palavras e ações más, como ainda todos os maus pensamentos, e que só existe quando há abstenção de tudo que é mal, de par com a prática ativa e abnegada de tudo que é bem, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, - a moderação, a brandura, - a paciência, a obediência, - a resignação, - a fé, - a firmeza e a perseverança na fé e na prática da justiça, quaisquer que sejam as injúrias, as perseguições físicas e morais que venham dos homens, - o desinteresse, - a renúncia às coisas materiais, como determinantes do orgulho e do egoísmo, dos apetites materiais; das paixões e dos vícios que degradam a humanidade, - a aspiração da felicidade celeste, - o reconhecimento ao Criador que reserva grande recompensa aos que cumprirem esses deveres e praticarem essas virtudes, - eis o que encerram aquelas palavras do Cristo. Estudai-as, pois, e ponde-as em prática. Não vos fieis na felicidade terrena, não descanséis nas vossas riquezas, na vossa inteligência. Confiai unicamente no vosso Deus, de quem recebeis todas as coisas.

Que aquele que possui riquezas faça como se fora pobre, as reparta com seus irmãos e viva humildemente; que aquele que tem inteligência faça como a criancinha que espera ser guiada pela mãe, mas que ao mesmo tempo a partilhe com seus irmãos, dando-lhes conselhos saltares e brandos, tirados sobretudo do exemplo; que aquele que está saciado pense nos que têm fome e dívida com eles o pão material que sustenta o corpo e o pão espiritual que alimenta a alma; que aquele que se acha alegre faça como se estivesse triste e associe à sua alegria o irmão que chora, prodigalizando-lhe consolações e tomando parte nas suas dores.

Aquelas palavras se resumem nisto: prática do trabalho, do amor e da caridade, tanto na ordem física ou material, como na ordem moral e intelectual.

Os pobres de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever tudo ao Criador, reconhecem que nada possuem. Despidos de orgulho, são como o pobre despojado dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se nus diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de coisa alguma, cômicos de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes aplaina o caminho a percorrer afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados.

Tende o coração simples, oh! bem-amados, e humilde o espírito, porquanto a humildade, que é o princípio e a fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, abre ao homem a estrada que leva à luz e às moradas felizes, ao passo que o orgulho conduz às trevas e à expiação, ao exílio em mundos inferiores.

Estas palavras de Jesus:

"Bem-aventurados sereis quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal par minha causa; - bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos separarem, vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como maus os vosso, nomes por causa do filho do homem."

se aplicavam, como quase todas as que lhe saíram dos lábios, tanto ao presente, ao momento em que ele as dirigia aos discípulos, quanto aos tempos futuros.

Eram e são dirigidas a todos os que pela sua fé em Deus se tornaram alvo de quaisquer perseguições, físicas ou morais; aos que, perseguidos pelas suas crenças, sofrem pela sua fé e triunfam das provações por mais rudes que sejam. Efetivamente, enquanto o vosso mundo se não houver purificado, haverá homens perseguidos por causa da verdade. Os que triunfarem poderão considerar-se bem-aventurados, pois, sobretudo hoje, a defecção é fácil. Os que perseverarem até ao fim receberão grande recompensa.

Espíritas, armai-vos, portanto, de toda a vossa energia. Para o homem, a arma mais perigosa é o ridículo. É a que ele mais teme; é presentemente a que tendes de rebater. Dolorosas são as feridas que ocasiona. Mantende-vos, pois, em guarda e preparai de antemão o único bálsamo que as pode curar: - a fé.

Que a vossa fé vos sustente. Ela vos tornará surdos aos sarcasmos e vos fará achar doçura nos pérfidos processos que contra vós intentarem. A fé constitui a vossa égide; abrigai-vos nela e caminhai desassombradamente. Contra esse escudo virão embotar-se todos os dardos que vos lancem a inveja e a calúnia. Sede sempre dignos e caridosos no vosso proceder, no vosso falar, nos vossos ensinamentos, dando o exemplo do que pregais, e nós vos ampararemos.

Compreendi igualmente bem estas outras palavras de Jesus: "Mas, ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!"

A maldição assim lançada pelo meigo e justo pastor não se aplica senão aos que, tudo sacrificando a posse dos bens terrenos, deleitando-se e confiando unicamente no que é material, rejeitam as verdades que se lhes ensinam, repelem seus guias protetores, repelem seus irmãos e se entregam aos maus Espíritos, que deles se apossam.

Jesus disse: - Ai! deles, porque terão que sofrer para resgatar suas faltas passadas e o remorso lhes será tanto mais cruel quanto mais voluntário tenha sido o endurecimento.

Ai! de vós que agora rides, disse também o Suave Mestre, pois que gemereis e chorareis.

Sim, os que riem das verdades lamentarão um dia o tê-las negado. Tudo vem a seu tempo. Deixai que ainda riem à vossa custa. Dia virá em que, arrependidos, os que agora riem pedirão para voltar ao meio de vós como apóstolos da verdadeira fé, da fé espírita, e não mais rirão.

Não vos agasteis, pois, com os risos; antes chorai pelos que zombam de vós,

por isso que bem grandes serão suas penas!

Ai! de vós, disse ainda Jesus, quando os homens vos louvarem, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

Quando essas palavras eram dirigidas aos discípulos, os falsos profetas tinham sido, eram e, dado o estado de inferioridade moral em que ainda se encontra a Terra, são neste momento aqueles que, impelidos por maus instintos, por más paixões, oriundas, seja do orgulho, do egoísmo, do interesse material, da cupidez, seja da intolerância ou do fanatismo, trabalham por inculcar suas idéias nas almas simples e confiantes. São aqueles que, conhecendo a verdade, a ocultam do povo, a fim de o terem preso e submisso. São os que, compenetrados da verdade, recusam submeter-se a ela por orgulho e pregam o erro, conscientes do que fazem, mas receosos do "que dirão". "Ai! deles!"

Ai! de vós, quem quer que sejais, quando os que escutam as vozes desses falsos profetas e os bendizem, caminhando-lhes nas pegadas, vos louvarem e disserem bem de vós, porque então sereis atraídos pelos seus elogios e a vossa defecção já se deu ou está para dar-se, arrastando-vos para os caminhos do erro e da mentira voluntários, da hipocrisia e da perversão moral.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. X, v. 28-31. - LUCAS, Cap. XII, v. 4-7

Só temera Deus, sem cuja vontade nada sucede

MATEUS: V. 28. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; teme sim aquele que pode precipitar tanto o corpo como a alma na geena. - 29. Não é verdade que dois pásseres se vendem por um asse? Pois, nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do vosso pai. - 30. Até os cabelos das vossas cabeças estão todos contados. - 31. Nada, portanto, temais; bem mais valeis do que muitos pásseres.

LUCAS: V. 4. E eu vos digo, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e que, depois disso, nada mais têm que fazer. - 5. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: Temei aquele que, depois de haver tirado a vida, tem o poder de lançar na geena; a esse sim, eu vos digo, teme. - 6. Não se vendem cinco pásseres apenas por dois asses? Entretanto, não há um só deles que Deus tenha esquecido. - 7. Até os cabelos das vossas cabeças estão contados. Não temais, pois; bem mais valeis do que muitos pásseres.

N. 141. Apropriando sempre sua linguagem à época e ao estado das inteligências, de modo a impressionar fortemente aqueles a quem falava, Jesus dirigia essas palavras aos discípulos, para infundir confiança a homens que se atemorizavam com a perspectiva das missões cheias de provas e de perigos que lhes eram confiadas. Dizendo-lhes que não temessem os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma, que só temessem aquele que pode precipitar alma e corpo na geena, ensinava-lhes a não se arrecearem dos homens, a não recuarem diante de nenhum perigo, de nenhuma perseguição, de nenhum ato dos homens, a só temerem a Deus. Dizendo-lhes que dois passarinhos não valem mais do que um asse, que cinco não valem mais do que dois asses, que nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do pai, que Deus de nenhum se esquece e acrescentando que todos os cabelos das vossas cabeças estão contados, que nada deveis temer, que valeis bem mais do que muitos passarinhos, o Mestre lhes inspirava a confiança sem limites que o homem deve depositar em Deus, os exalçava aos seus próprios olhos e lhes fazia compreender que, aos olhos do Senhor, muito mais importância tinham eles do que essas criaturas ínfimas, a cuja existência nenhum valor davam então os homens, ignorantes de que tudo sai do mesmo princípio, por efeito da mesma vontade.

Jesus foi o primeiro a dizer aos Hebreus que a onipotente bondade do Senhor vai ao ponto de não descurar a existência de tão fracas criaturas. Preparava-os, por essa forma, para compreenderem que muito embora o Espírito humanizado seja, como dizeis, o rei da criação, tudo o que se move no Universo, tudo o que existe só se move

e existe pela vontade suprema de Deus que, com o mesmo paternal carinho, olha tanto para o ouçãõ, como para o rei da terra.

As palavras que dirigia a todos os homens, daquela época e do futuro, vos devem ser explicadas em espírito e em verdade, porquanto a letra mata e o espírito vivifica. E não foi senão por tomar a letra pelo espírito que a Igreja incorreu em todos os seus erros.

As palavras acima, objetivam mostrar ao homem que seu proceder, seus sentimentos devem ser regrados pela vontade daquele que pune ou premeia, daquele cujo infatigável amor vela continuamente pela menor das suas criaturas. Elas têm por objetivo estabelecer a confiança que o homem deve depositar no seu Criador, cuja inteligência infinita pousa sobre o Universo, distinguindo no seio da massa geral as mínimas particularidades, sem jamais separar estas daquela. Expressando-nos assim, é nosso intento levar-vos a compreender a imensidade do olhar criador que paira sobre tudo, tudo envolvendo num golpe de vista infinito, sem, como vós outros, fazer distinção entre a massa, ou seja o conjunto do Universo, e os milhares de partículas que o compõem. Tudo, ainda o que se oculta nos mais recônditos escaninhos, se acha patente aos seus olhos. E, todavia, só o conjunto o toca.

"Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temeí, sim, aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena; a esse, sim, eu vos digo, temeí."

Estas palavras não têm por fim, segundo o espírito, senão libertar o homem do amor de si mesmo e chamar-lhe a atenção para o que, nele, não pode perecer, isto é, para a inteligência, filha de Deus, que de Deus provém e que, partindo do infinitamente pequeno para chegar ao infinitamente grande, tem que voltar a ele, na individualidade e na imortalidade.

Os que tomaram a letra pelo espírito consideraram a geena um lugar material e circunscrito, um inferno, à maneira do Tártaro do paganismo, à maneira da cloaca, da caverna que o rei Josias mandara construir perto de Jerusalém e onde os Judeus lançavam as imundícies da cidade e os cadáveres privados de sepultura e onde se alimentava um fogo contínuo para consumir essas matérias vis e desprezíveis.

A palavra geena, despojado da letra o espírito, é uma expressão alegórica de complexa significação. A geena é a imensidade onde, quando errante, o Espírito culpado passa pelos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas por ele cometidos. O termo geena abrange também as terras primitivas e todos os outros mundos inferiores, de provações e expiação, onde, pela encarnação ou reencarnação, se vêem lançados os Espíritos culpados, a alma e o corpo que ela reveste, corpo que, para ela, é igualmente uma geena, como são, na erraticidade, aqueles sofrimentos ou torturas morais.

Não temais os homens. Quando vos for preciso, para salvar a alma, sacrificar o

corpo, não recueis diante dos que o podem matar e nada mais. Temei, porém, a Deus que pode, se falirdes nas vossas provas, lançar-vos, por ato da sua justiça, que se exerce para vossa melhoria e vosso progresso, em a geena dos sofrimentos, das torturas morais na erraticidade após a morte, em a geena da reencarnação na terra e nos outros mundos inferiores de provações e expiação.

Sim, o homem não deve ver no seu corpo mais do que um invólucro, o aparelho, o instrumento das provações, das expiações, da purificação e do progresso do Espírito. Se, portanto, essa emanção divina que o corpo encerra, o Espírito, correr o perigo de perder-se ou mesmo de alterar-se, deve o homem sacrificar, sem pena, o invólucro perecível. O Espírito, que provém do Senhor, lhe deve a existência e não pode dar valor real senão ao que do Senhor o aproxima. Guarda do envoltório material, cumpre-lhe isentá-lo de todas as máculas; mas, se tiver de escolher entre a pureza espiritual e a do corpo, deverá preferir sacrificar esta para conservar aquela. Se, numa emergência perigosa, a vida do corpo se achar em paralelo com a do Espírito, isto é, com a sua pureza, com o seu progresso, se o Espírito se achar na iminência de incorrer numa culpabilidade que o levará à morte moral, deve a criatura sacrificar o vaso ao precioso perfume que ele contém, deixar que se quebre aquele para que este possa escapar-se e subir como incenso odorífero aos pés do Criador.

"Dois pásseres não custam mais que um asse e cinco mais que dois asses; entretanto, nenhum deles cai na terra sem que seja pela vontade do pai, que de nenhum modo se esquece.

Não é Deus a bondade infinita, cujo olhar criador, como já o temos dito, envolve, num só golpe de vista, todas as suas criaturas? Não é ele a vontade onipotente que governa o Universo? E tudo o que sucede não sucede com a sua permissão?

Todavia, não acrediteis que a sua grandeza infinita desça a ocupar-se com as particularidades da vossa existência ínfima. Uma vez, porém, que o seu poder regula todas as coisas, que os Espíritos prepostos à organização dos mundos, desde o ato da formação deles até as mais mínimas particularidades, não obram senão de conformidade com a impulsão superior que receberam e que, passando de um a outro, chega até vós, dizer-se pode que nem mesmo um passarinho cai na terra sem que seja pela vontade de Deus.

Não concluais desta explicação que o vosso livre arbítrio se ache assim comprometido de qualquer forma. A ação dos Espíritos, exercendo-se sob a potente direção do soberano Senhor, em nada altera essa prerrogativa do Espírito, encarnado ou não: - o livre arbítrio, emanção divina, eterna, que o Senhor concede a suas criaturas, fogo sagrado que nos cumpre alimentar para dele prestarmos contas ao foco imenso donde foi tirado.

"Até os cabelos das vossas cabeças estão contados."

Tomadas ao pé da letra, estas palavras de Jesus levariam à negação do livre arbítrio no homem, ao fatalismo. Elas são alegóricas, como todas as que o Mestre, a título de ensinamento, proferiu. O homem goza da liberdade de praticar ou não um ato qualquer; mas, esse ato tem seu princípio e suas conseqüências regrados nas leis naturais, imutáveis e eternas, cujas execução e aplicação ele provoca. Nada lhe sucede que não tenha sido previsto pela sabedoria infinita do Senhor, a qual, entretanto, deixa que os acontecimentos da vida humana sigam seu curso e sua marcha, conformemente ao uso que o homem faz do seu livre arbítrio. Se bem que, sujeito a experimentar as boas e más influências ocultas que de contínuo sobre ele procuram exercer-se, lhe caiba lutar entre o bem e o mal, o homem dispõe sempre do livre arbítrio, de uma vontade própria, pessoal e, pois, em virtude desse livre arbítrio, dispõe da faculdade de praticar tanto o bem como o mal. Depois da morte, procede-se à apuração dos pensamentos, palavras e atos, bons e maus.

Sim, a bondade infinita de Deus vela incessantemente pelas suas criaturas. É assim que, em lhe sucedendo qualquer coisa na existência terrena, a solicitude do Senhor, por intermédio dos bons Espíritos, faz sentir a sua influência no homem. Nenhum ato deste, nenhum dos seus mais secretos pensamentos escapam a Deus e, chegada a hora da prestação de contas, pode ele estar certo de que encontrará, no livro da vida, a sua página exatamente escriturada. O Senhor não abandona um só de seus filhos, não esquece uma só ação boa e não deixa impune nenhuma ação má.